

## ANÁLISE COMPARATIVA DISCURSIVA ACERCA DAS IMAGENS FEMININAS EM LETRAS DE FORRÓ

Suelem Maquiné Rodrigues (IFCE)<sup>1</sup>

Luziane Gama de Araújo (IFCE)<sup>2</sup>

Maria Joseane de Oliveira (IFCE)<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta discussões e reflexões acerca da representação da mulher nas letras de forró, tomando como base os estudos sobre análise do discurso. A pesquisa partiu do levantamento de canções que retratam a mulher, analisamos três canções de cantores e épocas distintas que imprimem divergentes imagens sobre a mulher em suas letras. O trabalho pretende despertar reflexões à medida que trazemos um estudo que se desenha como um alerta sobre a violência moral sofrida pelas mulheres no contexto cultural das músicas de forró que reverbera em outras esferas sociais. Lançando o alerta sobre a necessidade de refletir sobre essas imagens criadas pela indústria do entretenimento musical reforçam ideias e comportamentos. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa considerando as contribuições de autores como: Bakhtin (2003), Fairclough (2001), Orlandi (2007), priori e Bassanezi (1997), Perrot (2017), Silva (2020), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Imagens femininas; Letras de forró; Discurso.

**ABSTRACT:** This article discusses and reflections on the representation of women in forró lyrics, based on studies on discourse analysis. The research started from the survey of songs that portray women, we analyzed three songs by singers and different times that print divergent images about women in their lyrics. The work intends to awaken reflections as we present a study that is designed as a warning about the moral violence suffered by women in the cultural context of forró music that reverberates in other social spheres. Raising the alert about the need to reflect on these images created by the music entertainment industry to reinforce ideas and behaviors. For this, qualitative bibliographic research was carried out considering the contributions of authors such as: Bakhtin (2003), Fairclough (2001), Orlandi (2007), Prior and Bassanezi (1997), Perrot (2017), Silva (2020), among others.

**KEY-WORDS:** Representation; Female images; Forró lyrics; Speech.

### INTRODUÇÃO

O forró é um estilo musical popular principalmente na região nordeste do Brasil, mas que se dissemina por toda a extensão do território nacional e até mundial. As principais marcas desse estilo musical são o ritmo contagiante e suas letras que abordam os mais diversos temas,

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Suelem Maquiné Rodrigues, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus Tianguá*

<sup>2</sup> Luziane Gama de Araújo, graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará.

<sup>3</sup> Maria Joseane de Oliveira, graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará.

desde a representação da situação do roceiro nordestino na sua terra natal até as lamentações sobre amores vividos e não vividos. Porém o que se destaca nas letras de forró, que chama atenção, enquanto objeto de pesquisa, é a forma como a mulher aparece representada.

Considerando que a música é um dos elementos constituintes da cultura, compreendemos as canções regionais como sendo reveladoras da identidade cultural dos povos e acreditamos que a relação entre os papéis da mulher na sociedade e a representação delas nas canções podem revelar as marcas do patriarcado impressas na cultura no povo nordestino.

Nesse sentido, ao nos debruçar sobre um estudo acerca do gênero textual em letra de música nos adentramos no desenvolvimento de reflexões sobre as diversas problemáticas socioculturais presentes na sociedade contemporânea, como a temática sobre a sexualização e objetificação do corpo feminino foco da nossa pesquisa. Esse estudo pode proporcionar também o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidades, tendo em vista que as letras de música é um dos gêneros textuais com particularidades específicas, apinhada de palavras em sentido conotativo, que viabiliza uma leitura crítica, reflexiva e interpretativa, objetivando a formação de leitores em geral.

Indo ao encontro desse pensamento, esta pesquisa tem como tema “A Análise comparativa discursiva acerca das Imagens Femininas em Letras de Forró”, partimos do pressuposto de que há questões complexas e necessárias de serem compreendidas, pois, todo discurso carece de reflexão na interpretação, na propagação de ideologias, principalmente, quando se versa sobre a imagem da mulher em Letras de música de forró, que, por vezes, gera uma leitura visual e superficial. Esse desafio se dá por conta de questões históricas para as quais buscamos lançar reflexões no percurso do nosso trabalho.

Partimos da indagação sobre as diversas representações da mulher em nossa sociedade. Compreendemos inúmeros fatores históricos os quais ao invés de incluí-las nas diversas áreas da sociedade só colaboram com sua exclusão, impondo-as a uma situação de vulnerabilidade social à medida que altera e fere os direitos de sua imagem, violando sua alma e seus princípios femininos. Por meio destas reflexões, identificaremos esse processo mediante a discriminação sinalizada pela inferiorização imagem da feminina configurando em violência e gerando condições desiguais enquanto a relação de gênero. Nesse contexto vamos ao encontro de Teles e Melo (2003), que apresenta uma reflexão acerca da relevância de todo processo histórico que envolve violência ao gênero feminino, preponderando a submissão e dominação da mulher imposta pelo patriarcalismo, há discussões que reforçam essa consolidação ao longo de toda uma caminhada de cunho histórico e social de grandes desigualdades de gêneros. De acordo

com Louro (1997) é necessário estabelecer relações sociais que visem observar as características representativas fixadas temporalmente sobre o feminino e o masculino perante uma sociedade. Observar não apenas os próprios sexos, mas tudo que permeia essas múltiplas relações.

Nesse panorama o presente estudo pode ser importante para evidenciar como as mulheres vêm sendo expostas a violências a medida em que estas canções ganham naturalidade socialmente, dando seguimento a uma cultura machista oprimindo o papel da mulher, fomentando desrespeitos. Diante deste quadro caótico, é oportuno a discussão da temática proposta, ao ponto que sugere proporcionar, sugerir e instigar um debate acerca do que é mensurado em relação ao estereótipo feminino no discurso das letras de forró eletrônico.

## **1 SOBRE O ATO DISCURSIVO**

Analisar um texto significa decodificá-lo em seus múltiplos aspectos, dando importância ao seu conteúdo sócio-histórico. A análise de Discurso (AD), que também é alcunhada de AD francesa, elevou-se no final da década de 1960, na França. Sistematizada por Michel Pêcheux, mais afamado como o fundador, o mesmo discorreu sobre os conceitos de língua, ideologia, sujeito e discurso e assim iniciou essa disciplina. A análise do discurso eleva-se com o intuito de assimilar as várias construções ideológicas vigentes no discurso.

A análise de Discurso francesa, que tem sua origem nos anos 60, surge em contexto intelectual afetado por duas rupturas. De um lado, com o progresso da Linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia à análise de discurso não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo em fase de um texto), mas como um texto funciona. (ORLANDI, 2008, p.20).

Portanto, Orlandi (2008) tece um breve relato da história da Análise do Discurso que surge na década de 60, influenciada pela relutância de duas rupturas. De uma face, a expansão da linguística, que já não acreditava no sentido como simplesmente conteúdo, o que oportunizou a AD perscrutar como o texto funciona, ou seja, qual o real significado por trás da elaboração do texto. A análise do discurso (AD) é uma ciência que estuda a produção de sentido que ocorre na relação entre a língua, o sujeito e a história. E um dos principais objetivos é entender e compreender as ideologias no interior dos discursos. Em consonância com Orlandi (2007) ao mencionar:

A análise de Discurso concede a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2007, p. 15).

Dessa forma, podemos inferir que o discurso é o espaço onde podemos identificar as relações entre o texto e o contexto que o produziu. A escolha de uma palavra nos indica o lugar sócio ideológico daqueles que as empregam.

A reflexão crítica do discurso percorre uma análise linguística e textual direcionada aos aspectos léxicos, em que se permeia de conceitos gramaticais, coesos em toda estrutura textual, incluindo uma análise discursiva no âmbito de processos na produção de textos relacionados à prática social, bem como as concepções hegemonia e ideológicas estas concepções do discurso e considerada por Fairclough (2001) como:

“[...] um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação e significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Em virtude do que se foi mencionado compreendemos que o discurso gera os mais diferentes efeitos em relação a indivíduos e seus comportamentos sócio comunicativo por meio da variedade de textos dos quais são elaborados nas mais diferentes esferas sociais, possibilitando a criação e o autoconhecimento do “eu” através de posicionamento social, mesmo que, o “eu” esteja sendo construído sócio historicamente, introduzindo-se por variados campos da sociedade tais como; política, literatura e cultura.

Dessa forma, o texto estaria relacionado ao discurso concebido como objeto discursivo evidenciando seu conteúdo na finalidade composicional segundo (BAKHTIN, 2003), as relações sócias de uma determinada sociedade que abrange conhecimentos permeados de crenças estaria constituídas por três aplicações na linguagem, são elas; identitária, relacional e ideacional.

Desse modo, os comportamentos sociais seguem uma linha discursiva produzindo uma esfera significativa através de ações de poder atribuídos em textos relacionados aos mais variados gêneros como: pintura, romance, canções e propagandas, rompendo uma significação acerca da sociedade. Fazendo compreender suas interações comunicativas entre seus interlocutores analisando essa troca de influências entre ambos os falantes.

Por meio dessa interação social o sujeito encontra-se como mediador de suas atitudes diante da multiplicidade de textos que lhe é atribuído segundo (BAKHTIN, 2003)

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2003, p.271).

Convém lembrar que tanto o ouvinte, o falante, ou escritor, ou leitor estão concentrados a um momento histórico, em um determinado espaço geográfico carregando consigo uma bagagem cultural com suas próprias crenças e ideologias construídas ao longo da vida, por isso compõem os mais variados papéis nos diferentes âmbitos sociais em que estão inseridos, tendo como responsabilidade por suas ações comportamentais no que diz respeito a suas práticas discursivas, vivências e posicionamentos frente às questões sociais.

## **2 RELAÇÕES CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

O pensamento machista foi por gerações construído e mantido de forma, absolutista, concreta e dominante, o que acontece como afirmam Feitosa, Lima e Medeiros (2010, p. 01) “devido, principalmente, ao seu enraizamento no tecido social como ideologia e elemento estruturante das variadas formas de dominação masculina.”

Partimos do pensamento de que o ser humano nasce sem nenhum conhecimento sobre a vida ou a sociedade e nesse sentido o processo da educação começa em casa com os próprios pais. Nesse contexto, adicionamos que os primeiros vestígios desse pensamento machista são acometidos e deflagrados em casa ou nas primeiras relações interpessoais. Isso revela a importância de discutir e refletir a respeito dos constructos sociais e, também, sobre o processo de construção da identidade feminina.

### **2.1 A guerra dos sexos: o forró como uma arma contra as mulheres**

A sociedade atual apesar de já ser muito desenvolvida, ainda apresenta certa relutância ao aceitar que as mulheres modernas estão assumindo novos papéis na sociedade. Isso se opõe a um pensamento machista que espera que a mulher se dedique exclusivamente ao marido e a casa, o que historicamente se baseia pela antiga divisão do trabalho, na qual os homens, por serem biologicamente mais fortes eram os escolhidos para as atividades fora do lar enquanto a

mulher por se naturalmente mais cuidadosa e paciente ficaria com a tarefa de cuidar da casa e dos filhos, teoricamente.

Com o passar do tempo, a função masculina foi sendo colocada como principal, visto que o homem se estruturou como o herói que saia de casa para buscar boas condições para sua família. Nesse sentido, o patriarcado perdura até os dias atuais “devido, principalmente, ao seu enraizamento no tecido social como ideologia e elemento estruturante das variadas formas de dominação masculina.” (FEITOSA; LIMA; MEDEIROS, 2010, p. 01)

No que se refere a educação das mulheres colocamos em pauta que desde o início da criação, estas são mais reprimidas em relação ao homem chegando até mesmo a serem consideradas como dignas de pouca confiança além de desprovidas de inteligência, deixando no discurso, resquícios e relatos de que o macho em relação à fêmea é o mais apto para conduzir, governar e direcionar.

Desse modo, a mulher é ensinada a ser submissa, quieta e de fácil dominação para o homem, em contrapartida, o homem aprende que deve ser forte, pouco sensível e administrador da família, são papéis enraizados em diversas sociedades. Além disso, a mulher é preparada para o casamento, em um processo de educação para a vida doméstica que começa logo nos primeiros anos de vida, com brinquedos direcionados a afazeres domésticos.

Com uma sociedade que se mantém predominantemente machista, cada vez mais mulheres que escapam dos laços desse processo acabam sofrendo violência e agressões das mais diversas formas. Concomitantemente a isso, o homem é ensinado a desfrutar a vida, aproveitar a juventude e usar as mulheres que não são “boas” para o casamento, o que os leva a uma negação de determinados comportamentos femininos tidos como inapropriados para as “Moças decentes” desencadeando, assim, grandes conflitos entre os gêneros.

Esse posicionamento sociocultural para os gêneros é o que vem ao longo dos tempos promovendo uma diferença muito grande entre os contextos do masculino e feminino, construindo culturas de gêneros com grandes níveis de oposição. Nesse sentido, adicionamos que no que afirma Vieira (2005) “a identidade do sujeito, homem ou mulher, não pode ser vista exclusivamente como a propriedade de um ser centrado e com limites predefinidos pelo gênero, que se revela a si próprio na história.”

Nesse mesmo viés de pensamento e considerando que a música é um dos elementos constituintes da cultura dos grupos sociais, compreendemos as canções regionais como sendo também reveladoras da cultura dos povos e acreditamos que a relação entre os papéis da mulher

na sociedade e a representação delas, nas canções podem revelar as marcas do patriarcado impressas na cultura do povo nordestino.

Caminhando por essa via das representações da imagem dos gêneros, fica cada vez mais evidente a relação existente entre as imposições para as mulheres pregada ao longo da história com a imagem da mulher, retratada por meio da sexualidade, do corpo e da violência verbal que pode ser observada no discurso que envolve algumas músicas brasileiras. Georges Duby, destaca que:

[...] a força da iniciativa masculina que reduz as mulheres a espectadoras, mais ou menos submissas, de si mesmas. “As mulheres não representavam a si mesmas”, escreve ele. “Elas eram representadas. [...] Ainda hoje, é um olhar de homem que se lança sobre a mulher e se esforça para reduzi-la ou reduzi-la. (PERROT, 2017, p. 24).

Existe impregnada na cultura brasileira uma avalanche de imagens deturpadas, descritas e alcunhadas no discurso das músicas de forró eletrônico da atualidade que agridem as mulheres. Diante disso e segundo afirma Pacheco (2007, p.2) “a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, são impostas”.

Logo a construção de uma identidade feminina frágil vulnerável e de pensamento limitado, serve para refirmar a ideia de poder sobre o sexo feminino nos homens. Essa construção sociocultural acaba reprimindo o gênero feminino recusando qualquer comportamento que fuja a um padrão considerado como adequado, gerando a marginalização e a ridicularização das mulheres que fogem a tais delimitações.

“A crença na ‘naturalidade’ das diferenças de gênero é produzida nas práticas sociais; e vem afirmando reiteradamente que as diferenças ‘naturais’ de gênero seriam a origem para o comportamento específico em função de gênero de mulheres e homens, bem como para os respectivos arranjos e ordens de gênero.” (MAIHOFER, 2016 p. 882)

Sendo assim, ao longo da história é perceptível um movimento de valorização do gênero masculino por suas habilidades tidas como naturais do próprio gênero, tais como o talento para atuar no meio social em atividades como o mercado de trabalho, por exemplo. Enquanto isso, as mulheres precisam se posicionar como responsáveis pela educação dos filhos e cuidados com a casa, pois são teoricamente elas que possuem o dom para atividades que envolvem cuidado e paciência. Porém, esse discurso dicotômico não se fundamenta.

“Uma das maiores queixas de mulheres sozinhas é a dificuldade de lidar com o dinheiro, com as contas e com outras questões burocráticas, geralmente tratadas pelos

homens. Mas, após algum tempo, essas mulheres assumem diferentes papéis e exercem com desembaraço as novas funções qualificadas como masculinas, fato que comprova serem esses papéis passíveis de aprendizado. De igual modo, homens que, por separação ou morte do cônjuge, recebem a guarda dos filhos e a gerência do lar, aprendem, mesmo com alguma relutância, as atribuições femininas.” (VIEIRA, 2005, p. 221)

Apesar da explícita capacidade de aprender todas as atividades, culturalmente mulheres e homens são durante toda a vida colocados não só como diferentes, mas como completos opostos, com uma constante sinalização de que as atividades realizadas por um não podem ser pelo outro. Silva (2000, p.81) realça que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes,” segundo o autor, onde existir separação, aí estará implícito o poder.

Dessa forma, podemos entender que a estruturação de uma cultura depende dos laços internos e interesses de um grupo e do conhecimento de uma sociedade, integrando costumes como, a fala, as práticas habituais, manias, crenças e momentos históricos.

### **3 A IMAGEM DA MULHER NAS LETRAS DE FORRÓ**

A música é um dos elementos marcantes na identidade cultural dos povos. Nos últimos anos a cultura de massa vem tomando conta do gosto popular. Na cultura de massa a comunicação e a sociedade também se desvelam como produzidos e dirigidos às massas, logo, a visão de massa destina-se ao conjunto de população como ao seu componente popular. E em conformidade com as palavras de Oliveira (2007):

[...] a partir da consolidação da Indústria Cultural, o que ocorreu não foi a produção de uma cultura popular, mas o fortalecimento da produção de uma cultura industrializada voltada para um mercado de consumo com a apropriação de elementos das culturas populares. (OLIVEIRA, 2007, p. 29).

Nesse sentido, é possível constatar que a indústria cultural tem forte influência na disseminação de discursos, inserindo-se como uma manifestação da cultura popular, por meio do gênero forró eletrônico moldado para ser comercializado e mercantilizado. E foi nesse caminhar que as tradições e costumes foram gradualmente desenraizando e sofrendo mutações em serviço do mercado.

Entende-se que por se formarem enquanto processos dinâmicos, os discursos são descritos, representados de forma, a gerar novos entendimentos sobre as imagens, em torno das



relações entre a mulher e o homem. “As mulheres são imaginadas representadas, em vez de serem descritas ou contadas”. (PERROT, 2017, p.17).

Ao indagarmos acerca da presença da mulher e sua trajetória de luta e reconhecimento na sociedade, podemos analisar que o discurso do Forró eletrônico sobre as mulheres apresenta uma proposta, quase sempre, oposta de inclusão e representação feminina. Visto que estas canções exibem um perfil sexual de duplo sentido, violando quase sempre os direitos em torno do feminino. Atribuindo assim uma certa visibilidade negativa das condições da mulher no contexto social, político e cultural.

A sexualidade feminina vem sendo o ponto primordial e muitas canções populares no Brasil. Sabe-se que a música exerce um grande poder de persuasão, se tornando reflexo da sociedade atual reproduzindo uma banalização da utilização do corpo da mulher demarcando a lógica do dominante incorporando padrões da masculinidade. Faria (1998) destaca que, a luta feminina para sua participação no âmbito social gera uma antipatia do grupo masculino.

O processo de saída da mulher para a vida pública, principalmente através do mercado de trabalho gerou no universo da sociedade machista, patriarcal certo estranhamento. A mulher tornou-se mais visível sexualmente, expressando mais seu desejo, aumenta também a sua vulnerabilidade, pois ficam mais expostas, uma vez que se deslocam naquilo que é considerado o limite entre virtuosas ou profanas. (FARIA, 1998, p.17).

Em conformidade com a fala do autor, podemos salientar que em meio a uma sociedade totalmente patriarcal, machista a inserção da mulher para setores públicos, vem sendo conquistado por um empenho de uma busca constante para desvincular sua sexualidade de julgamentos explícitos de sua vida pessoal e sexual devido a uma comparação de conotação agressiva vindo de uma sociedade patriarcal.

No entanto, as diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina, e por estar como alvo de um discurso pejorativo, as mulheres precisam continuar, quase que diariamente, a lutar pela garantia dos seus direitos e por respeito.

#### **4. ANÁLISE COMPARATIVA**

Partindo para a análise das canções notamos que em boa parte é pautada de uma subjetividade acerca da construção e representação de gênero masculino em detrimento ao feminino, o que nos impeliu o ensejo de erguer mais uma reflexão e mais uma discussão acerca

da historicidade de luta, desafios e conquistas acerca do espaço das mulheres na sociedade, pois entendemos o quanto é importante continuar afirmando que estamos mais atentos sobre a temática.

A imagem da mulher historicamente é inferiorizada em relação à imagem masculina. Nas últimas décadas nos deparamos com a crescente depreciação da imagem mulher sendo vinculada pelos meios de entretenimento musical. No gênero musical forró, muitas letras apresentam uma erotização do corpo feminino reduzindo sua imagem apenas à função sexual, ocasionado a perda de sua identidade múltipla e valorizada, como podemos averiguar nas reflexões traçadas por meio das canções abaixo.

#### **4.1 A idealização da mulher perfeita para o homem**

Inicialmente trazemos para análise a canção “Os 10 mandamentos do amor” de autoria de Diassis Martins, que realiza um percurso narrativo inicialmente de forma romântica evidenciando o passo a passo do processo de conquista direcionada para a mulher.

##### **Os dez mandamentos do amor**

(Diassis Martins)

Os dez mandamentos do amor

Pra conquistar uma mulher

Tem que ter carinho

Tem que ter jeitinho

Tem que dar aquilo que ela quer

Primeiro, tudo começa com a paquera

O seu olhar bem dentro do olhar dela

Com jeitinho lhe tire para dançar

Dance macio pra ela se aconchegar

Segundo um papo de derrubar avião

Suavemente vá pegando a sua mão

Terceiro, é um cheiro p'ra sentir o seu perfume

Olhando as outras p'ra ela sentir ciúmes

O quarto, é brincar no escurinho

Ser o lobo mau e ela o chapeuzinho

O quinto, tem que ser bem safadinho

Preste atenção agora

Ao sexto mandamento  
Ela não vai te esquecer um só momento  
Repita a dose se sentir que ela gostou  
Na hora h, lhe chame de meu amor

Sétimo toque é lhe falar de paixão  
Falar somente das coisas do coração  
Oitavo mandamento diz para jurar  
Lhe ser fiel até a morte lhe levar

E o nono, você diz que vai voltar  
Diz que amanhã vai telefonar  
E o décimo  
Deixe ela esperar.

Nessas duas primeiras estrofes da canção é possível notar que o enredo gira em torno de um homem que se utiliza de uma sequência de artifícios para conquistar uma mulher pela qual possui interesse. Para conseguir seus objetivos românticos e/ou sexuais com a mulher, o eu lírico afirma que precisa “dar aquilo que ela quer” e através de iniciativas que refletem valores como: respeito, carinho, paciência, empatia, a conquista vai se perpetuando e se evidenciando aparentemente de maneira lenta e prazerosa para ambos.

Nesse primeiro momento é possível detectarmos os traços que englobam a atmosfera do amor romântico. Destacamos nas expressões contidas no discurso certa artimanha envolvidas em um cunho carinhoso, manso, romântico e regionalista na música, comunga com o ideal de mulher difundido pelo romantismo.

Nos versos seguintes, já na terceira estrofe da canção podemos perceber que o ritmo da do envolvimento vai evoluindo e vão se seguindo os passos de uma conquista que para o homem é um grande prêmio que ele consegue ganhar.

Observamos então que a mulher retratada nessa canção, é uma mulher afável, dócil e pode ser considerada inclusive como dominável. Notamos nessa canção um cuidado por parte do ser masculino que reflete na pregada fragilidade feminina e se direciona também no sentido do ser feminino como previsível. De certa forma a canção apresenta discretamente a diferença entre os gêneros à medida que o homem precisa seguir determinado procedimento para se aproximar da mulher de forma satisfatória e consumando a conquista.

Seguindo o mesmo caminho de análise das canções, chegamos a uma grande contraposição ao nos debruçamos sobre o estudo da música “Mulher de Hoje” de composição

dos músicos, Luís Gonzaga e Nelson Gonsalves onde existe uma comparação explícita da mulher de antigamente com as da modernidade deixando claro uma depreciação em relação ao que chamam “mulher de hoje”.

A canção apresentada a seguir, logo nos trechos iniciais apresenta um forte discurso machista e preconceituoso em relação à mulher.

### **Mulher de Hoje**

(Luís Gonzaga e Nelson Gonsalves)

Antigamente

A mulher era mulher

A companheira

Que nos deu o criador

Lar era só felicidade

Era só tranqüilidade

Era paz e era amor

Mulher tinha medo de barata

Corava com piadas de salão

Mulher era assim muito sensata

Mulher não dizia palavrão

Mulher desmaiava todo dia

Um susto afetava o coração

Mulher não mandava só pedia

Marido era marido e patrão

Mulher de hoje

É mulher muito danada

Se é solteira ou casada

É a vida, vai lutar

Se é casada com um cabra mole

Que não anda nem se bole

Ela vai se desdobrar

E às vezes, elas têm

Amor para dar

Às vezes ela vêm

As coisas complicar, porque

Mulher de hoje

Com a arma é atrevida...

Logo no início da canção é possível perceber uma associação do padrão comportamental de boa mulher com aquela presente nas tradições religiosas remetendo a uma imagem ideal feminina como dócil, pura e casta. Nesse sentido, a mulher deve ser meiga e agradável, por ser para os homens como um presente dado pelo Criador, logo um bem de propriedade masculina.

Podemos perceber também que características que fragilizam a imagem feminina como medos e fraquezas são colocadas como qualidades de uma mulher boa e companheira. O estereótipo da mulher frágil e totalmente dependente do homem se evidencia cada vez mais ao longo da canção, onde é possível perceber que o valor da mulher é medido e baseado no gosto masculino. Nesse sentido, podemos inferir que a música destaca que uma boa mulher é aquela que agrada sempre o seu companheiro, uma mulher que não possui vontade própria.

Outro aspecto que pode ser observado, se refere ao padrão comportamental exigido das mulheres ao longo dos tempos. Desde crianças as mulheres são ensinadas de que forma devem, se vestir e como falar. Podemos perceber essa negação de certos comportamentos femininos quando na canção aparece a frase “mulher não dizia palavrão”, o que remete a um certo padrão de comportamento feminino exigido culturalmente das mulheres. Nesse panorama uma mulher que não se enquadre nessas normas acaba causando desconforto e estranhamento no gênero oposto, gerando certa aversão às mulheres que fogem do padrão. De uma certa maneira, é possível verificar no discurso da canção que o homem tem um certo receio acerca dessa nova identidade feminina ao ponto que trata como atrevimento os comportamentos femininos da mulher moderna que o desagradam.

Há um teor machista por trás da comparação feita em relação à emancipação social e financeira da mulher em relação à mulher de antigamente, como é citado na letra da música que se segue. E diferentemente do contexto da letra da música: os 10 mandamentos do amor, que se ergue dentro de uma temática em conformidade com o romantismo e em contraposição a temática da música: mulher de Hoje, ergue se com um caráter ideológico de cunho machista e patriarcal, onde a premissa é fadada de forma pejorativa.

Questionamentos acerca da nova identidade feminina estão presentes no enredo da música onde é notória uma comparação entre mulheres de períodos históricos distintos em um discurso que sugere a desvalorização dessa mulher que foge aos padrões de uma sociedade totalmente patriarcal.

Para o eu lírico da canção, as mulheres da modernidade esquivam-se de suas “obrigações” e tornam-se cada vez mais difíceis de conviver. Por muito tempo, as mulheres foram limitadas

a tarefas domésticas como cozinhar, cuidar da casa, do marido e procriar. Enquanto o marido era o provedor do lar as mulheres eram educadas para servi-los sem direito de se expressar livremente e devendo sempre acatar as ordens do marido, que era senhor e patrono do lar. No que afirma Pereira (2013, p. 109) “a mulher considerada ideal é aquela que serve ao parceiro, uma criada a disposição do homem. “Atualmente com a crescente saída das mulheres dos lares para o mercado de trabalho e a conquista da independência feminina, passa a existir certo conflito entre a autoafirmação identitária feminina e o machismo estrutural.

O mais intrigante em tudo isso é esse tipo de discurso é disseminado em muitas canções na música brasileira e considerado como algo natural e humorístico. Sobre isso, Trotta (2009) afirma

Através do humor, a opressão do patriarcalismo e a rígida divisão de papéis que invariavelmente posiciona a mulher num papel secundário e servil apresenta uma espécie de escape. Diversos artistas se consagraram no mercado musical nacional explorando a vertente bem humorada das narrativas sexuais, que, temperadas com a sonoridade, a dança e a rítmica do forró, constroem um universo de grande poder de sedução. (TROTТА, 2009, p.08).

Considerando esses aspectos, analisamos ainda que a canção “*Mulher de Hoje*” despreza as qualidades da mulher moderna, resistente, independente e a reduz a adjetivos como “danada”, “atrevida” o que acaba trazendo um ar de negatividade no que se refere a conquista da independência feminina. A mulher de hoje, por possuir características que não permitem que esta seja dominada facilmente, é então colocada como inferior e imprópria para viver um bom relacionamento, por exemplo, visto que é considerada como “complicada”.

Nesse contexto, acreditamos que a canção traz uma interpretação machista sobre a reconstrução da identidade feminina, que ocorreu temporalmente que fez com que cada vez mais as mulheres deixassem a tarefa de dona de casa e saíssem para busca independência.

#### **4.2 A VIOLÊNCIA E A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO**

Partindo agora para a análise da música “Bomba no cabaré” percebemos uma narrativa ocasional de gênero irônico que possui um discurso absolutamente depreciativo sobre a imagem da mulher. Notamos em toda a letra da canção uma escancarada objetificação do corpo feminino que se refere a mulher como um mero acessório para deleite masculino.

Dando destaque somente as partes do corpo das mulheres e as tratando-as como meros objetos, a canção trata sobre um suposto incidente com uma bomba lançada em um cabaré. Em

decorrência da explosão voam partes de corpos de mulheres por todo o local e o indivíduo do sexo masculino resgata essas partes para montar uma mulher que visualmente agrada, uma mulher ideal. Um aspecto interessante é que apesar dos cabarés serem um ambiente comumente frequentado por muitos homens, não se fala na canção sobre o que acontece com os homens, somente as mulheres são expostas, ridicularizadas e objetificadas.

Nessa mesma atmosfera podemos perceber também a presença de expressões depreciativas tais como “puta” e “rapariga” que comumente são usadas para tentar desvalorizar a imagem feminina.

Bomba no cabaré  
(Mastruz com Leite)  
Jogaram uma bomba no cabaré  
Voou pra todo canto pedaço de mulher  
Foi tanto caco de puta voando pra todo lado  
Dava pra apanhar de pá, de enxada e de colher!

No meio da rua tava os braços de Teresa,  
No meio fio tava as "perna" de Raché,  
Em cima das telha os "cabelo" de Maria,  
No terraço de uma casa tava os peito de Isabé!  
Aí eu juntei tudo e coleí bem direitinho  
fiz uma rapariga mista, agora todo homem quer!  
Pode jogar uma bomba lá no cabaré,  
Que eu junto os cacos das puta  
Pra fazer outra mulher!

Percebemos que esse enredo permeado de expressões, como gírias e regionalismo, mantém representações de gênero que estão memorizadas na história e no caminhar de uma sociedade. O discurso contido na música *Bomba no cabaré*, gira em torno de um homem que gosta de frequentar o cabaré, que vive rodeado de raparigas, que gosta de bebidas alcoólicas, música alta dentre outros vícios, e as mulheres nesse cenário são objetos do desejo masculino.

Na música, encontramos diversos elementos no que compreende a visão de um homem que se conceitua como um grande pegador e conquistador de mulheres. Podemos salientar isso quando vemos a utilização de vários nomes de mulheres sendo citados como em “*no meio fio tava as pernas de Raché em cima das telhas os cabelos de Mari /no terraço de uma casa tava os peitos de Isabé*”..

As questões aqui elencadas são carregadas de um subjetivismo que está presente em algumas letras de forró. O discurso em pauta nessa música é o de cunho machista, ou até mesmo, uma simbiose de fatores como a busca do prazer, o consumismo, a proliferação do ato sexual e de gênero. E sobre tal descrédito em relação a imagem feminina nas letras de forró, Albuquerque Júnior (2010) afirma que:

O machismo tradicionalmente associado à figura do nordestino, não só é veiculado e atualizado por estas canções, como chega aos extremos da pura grosseria, do desrespeito explícito às mulheres. São canções extremamente misóginas que, no entanto, não só são cantadas a todos os pulmões pelas moças que comparecem aos shows destas bandas, como elas se confessam em blogs, páginas de relacionamento, em cartas enviadas aos fãs clubes das bandas, seguidoras apaixonadas deste fenômeno. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 10)

Este fenômeno torna-se mais complicado exatamente pelo fato de que músicas como “Bomba no Cabaré”, que habitualmente deveriam ser odiadas pelas mulheres, serem sucesso e bem pedidas nas ondas dos rádios e através de mídias portáteis, cantadas por jovens, inclusive universitários, que ignoram o conteúdo sexista, machista e imoral das letras em detrimento a interação e diversão.

Ao ouvir as emissoras de rádio é perceptível no discurso das letras de forró o conceito deturpado da representação e identidade da figura da mulher. Percebemos que as letras conversam nitidamente assuntos sexuais, não mais de forma ambígua ou indireta, e sim “desprestigiada” aberta. Segundo afirma Veleza (2019, np) “a Violência Moral é tão grave e passada despercebida, que muitos homens se esquecem de que estão cometendo um crime ao humilhar sua esposa ou qualquer outra mulher.”

As mulheres são, alvos e reféns do discurso contido nas letras de música de forró pela violência verbal, psicológica e de gênero. No entanto, para a sociedade, muitas vezes, o discurso que envolve a temática da violência contra a mulher torna, se prende a um círculo vicioso que induz a uma reflexão de que a violência de gênero é algo irreal, chegando até mesmo a naturalizar comportamentos que reprimem e humilham as mulheres.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dessa pesquisa foi possível realizar uma reflexão sobre a marginalização da imagem feminina por intermédio da análise de algumas canções advindas do denominado forró eletrônico, estilo musical popular nordestino. Percebemos então que a atual situação da mulher perante a sociedade vem sendo desenhada ao longo de gerações ao ponto de a violência ser impregnada, também, por meio das letras de músicas.



Ao indagarmos acerca da presença da mulher e sua trajetória de luta e reconhecimento na sociedade, foi possível constatar que o discurso do Forró eletrônico sobre as mulheres apresenta uma proposta totalmente oposta de inclusão e representação feminina positiva, visto que estas canções exibem um perfil sexual de duplo sentido violando os princípios morais da feminilidade. Atribuindo assim uma certa invisibilidade às condições da mulher de ser humana no contexto social, político e cultural.

A importância do nosso trabalho nesse sentido cumpre seu papel a medida que trazemos um estudo que se desenha como um alerta sobre a violência moral sofrida pelas mulheres no contexto cultural das músicas de forró. Logo, evidenciamos em nossa pesquisa que o forró se torna um movimento com letras degradantes ao corpo feminino. Acreditamos na necessidade de transformar essas imagens criadas pela indústria do entretenimento musical, buscando a valorização feminina na sociedade extinguindo essa ideia equivocada de que o papel masculino exerce uma função de superioridade em relação ao gênero feminino.

Dessa forma, com a realização dessa pesquisa, foi possível perceber que em meio a uma sociedade predominantemente patriarcal e conseqüentemente machista, a mulher está frequentemente exposta à violência das mais diversas formas, inclusive no discurso musical. A inserção da mulher para setores públicos, vem sendo conquistado por um empenho de uma busca constante para desvincular sua sexualidade de julgamentos explícitos de sua vida pessoal e sexual devido a uma comparação de conotação agressiva vindo de uma sociedade patriarcal.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O nordestino de Saia Rodada e Calcinha Preta ou as novas faces do regionalismo e do machismo no Nordeste. In: QUEIROZ, André (Org.). **Arte & pensamento: a reinvenção do Nordeste**. Fortaleza: Serviço Social do Comércio, 2010. p. 44-65.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Bakhtin, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: Sempre viva Organização Feminista, 1997

FEITOSA, Sônia de Melo; LIMA, Marwyla Gomes de; MEDEIROS, Milena Gomes de. Patriarcado e forró: uma análise de gênero. **Fazendo Gênero**, Rio Grande do Norte, n.9, p.1-9, ago. 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/recursos/anais/1278196429\\_ARQUIVO\\_PATRIARCADOEFORRO.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/recursos/anais/1278196429_ARQUIVO_PATRIARCADOEFORRO.pdf). Acesso em: 25 set 2021

MAIHOFER, Andrea. O gênero como construção social – Uma consideração intermediária. **Revista Direito e Práxis**, [S.L.], v. 7, n. 15, p. 874-888, 14 set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25362>. Acesso em 05 set 2021

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 7. Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas; São Paulo. Pontes Editores, 2008.

PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro. A representação da mulher na música popular brasileira: eu poético e voz autoral. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 14, n. 24, p. 102-127, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/477>. Acesso em: 10 set 2021

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003

TROTTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo** n. 20. Niterói, RJ: UFF, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17184/10822>. Acesso em: 20 set 2021

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da Mulher na Modernidade. **D.e.L.T.A**, Brasília, n. 21, p. 207-238, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/abstract/?lang=pt#:~:text=Wome n's%20identity%20in%20modernity&text=O%20artigo%20trata%20das%20mudan%C3%A7as,lhes%20o%20modo%20de%20ser>. Acesso em: 15 set 2021

*Recebido em: 30/09/2021*

*Aprovado em: 10/01/2022*

*Publicado em: 29/04/2022*